

MARIA CÉLIA DE MORAES LEONEL

# ESTÉTICA

REVISTA TRIMENSAL



# E MODERNISMO

HUCITEC / PRÓ-MEMÓRIA  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

MARIA CÉLIA DE MORAES LEONEL

# ESTÉTICA

REVISTA TRIMENSAL  
E MODERNISMO

EDITORA HUCITEC

em convênio com o

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO  
FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

São Paulo, 1984

Direitos autorais, 1978, de Maria Célia de Moraes Leonel. Direitos de publicação reservados pela Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia Hucitec Ltda., Rua Comendador Eduardo Saccab, 342-344, 04602 São Paulo, Brasil. Telefone: (011) 61-6319.

Capa de João Baptista da Costa Aguiar.

CIP-Brasil

Leonel, Maria Célia de Moraes.

L599e Estética e modernismo / Maria Célia de Moraes Leonel.  
— São Paulo : HUCITEC ; [Brasília] : INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.  
(Linguagem e cultura)

Bibliografia.

1. Estética (Revista) 2. Modernismo (Literatura) I.  
Instituto Nacional do Livro. II. Título.

CDD:701.1705

:869.9004

CDU:7.01(05)

CCF/CBL/SP-84-0914

Índices para catálogo sistemático (CDD):

1. Brasil : Revista Estética 701.1705
2. Estética : Revista : Artes 701.1705
3. Modernismo : Século 20 : Literatura brasileira 869.9004

Sérgio Buarque e, em fevereiro de 1976, com Prudente e também com Pedro Nava, no Rio de Janeiro. O resultado das três entrevistas foi extremamente proveitoso, elucidando aspectos significativos de nosso trabalho e apontando novos elementos a serem pesquisados.

### *Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda*

Pergunta — Como apareceu *Estética*?

Sérgio Buarque de Holanda — *Estética*, realizada no Rio, foi a primeira revista depois de *Klaxon*. Queríamos fazer uma revista com aspecto de estudo e, principalmente nas partes finais, dizer à vontade o que pensávamos. Passamos a procurar um nome para a revista. Várias sugestões foram apresentadas, mas nenhuma delas agradava inteiramente. Um dia, encontramos o Graça Aranha que nos sugeriu o nome “*Estética*” — ele tinha um livro chamado *Estética da vida* — e ofereceu-se também para fazer o artigo de apresentação.

P. — Concordaram prontamente com Graça Aranha?

S.B.H. — Fizemos certas objeções, mas aceitamos. Naquele tempo ainda não havia essas questões internas, que foram aparecendo com o tempo. Graça Aranha sempre deu importância ao Movimento, de modo que eu tinha certo respeito por ele. Foi mesmo muito nosso camarada; freqüentávamos o Hotel dos Estrangeiros, onde ele vivia. Alguns fatos acontecidos posteriormente desagradaram-no. Uma vez, o Prudente ficou doente e foi para Caxambu, passar uns tempos e eu fiquei encarregado das provas da revista. Fui ao Pongetti — o impressor — com as provas prontas e vinha na Avenida Rio Branco, quando encontrei o Graça: “Como vai? Que é que você traz?” “As provas de *Estética*.” “Ah! Vamos ver!” Entramos na livraria Garnier, atrás da estante de livros, onde não tinha muita gente. Nessa edição nós queríamos pôr, acho que o “*Noturno de Belo Horizonte*” de Mário de Andrade para abrir a revista. Num sorteio saiu a colaboração de Graça em quarto ou quinto lugar. Já vi pela cara dele que não tinha gostado. “De uma coisa não estou gostando.” “Pode dizer.” “É o meu nome aqui, em quarto lugar!” “Mas nós fizemos um sorteio!” Foi pior. “Meu nome na Europa e em toda parte sai em primeiro lugar e não entra em sorteio!” Ele tinha ciúmes do Mário. Como o Prudente estava em Caxambu e a comunicação não era muito fácil, escrevi-lhe uma carta, contando o fato. “Agüenta firme aí!” foi a resposta. Mas o Renato Almeida telefonou, dizendo que o Graça estava muito aborrecido e resolvi atendê-lo,

por minha conta. O artigo dele "INS", o plural do prefixo latino, saiu onde ele queria.

P. — As colaborações assinadas pelo Sr. e pelo Prudente de Moraes, neto eram feitas em conjunto?

S.B.H. — Às vezes fazíamos juntos. Outras vezes o autor da idéia central assinava em primeiro lugar, mas havia sempre troca de sugestões. Assinávamos juntos principalmente quando o artigo podia gerar polêmica. Um artigo sobre o Ronald de Carvalho que provocou briga foi assinado por nós dois. Acharam que o Mário, por ser ligado à gente, estava atrás de tudo, mas o Mário não tinha nada com a crítica. O Ronald ofendeu-se e foi apoiado pelo Graça Aranha e pelo Renato Almeida; os três formavam o chamado grupo da mesa, porque foi publicado um retrato em que apareciam em volta de uma mesa.

P. — Como Mário de Andrade ligou-se a *Estética*?

S.B.H. — O Oswald e o Mário vieram ao Rio em 21, antes da Semana de Arte Moderna e leram o livro dele na casa do Olegário Mariano e na casa de Ronald. O Oswald chamou o Mário de "meu poeta futurista", criando uma questão que foi muito discutida. Inclusive o Graça queria que se mantivesse a denominação futurista. Eu me lembro dele dizer: "Por que não futurista? É futuro!"

Quem estava mais ligado ao grupo de São Paulo eram o Prudente, eu e o Bandeira, que nunca foi bem com o grupo do Graça. A ligação dele era com o Mário. O Mário inventava nomes: o Manuel Bandeira ele chamava de Manu, nome que ninguém usava. Tinha discussões complicadas com Prudente sobre a necessidade de comunicação e expressão. A idéia do Prudente é do Surrealismo: expressão, sem necessidade de comunicação. Escreveu cartas quilométricas sobre essa questão, que devem estar no arquivo do Mário.

P. — Por que o Oswald de Andrade não colaborou em *Estética*?

S.B.H. — Não estava contra *Estética*. Dávamo-nos bem com o Oswald, creio que foi por acaso. Durante a *Klaxon* ele tinha umas coisas engraçadas. Não gostava que se falasse mal do Afrânio Peixoto, mas o pessoal não estava ligando para isso não. Mais tarde o Oswald brigou com o Graça, pelo discurso da Academia. Nessa ocasião ele deixou de citar Tarsila e por causa disso o Oswald brigou com ele. Oswald era um sujeito que brigava e fazia as pazes, descobria gênios que duravam seis meses e depois viravam cretinos. Os primeiros romances de Oswald eram fracos; *Os condenados* é meio d'annunziano.

P. — Como conseguiram os anúncios do chocolate Lacta e do guaraná Espumante?

S.B.H. — Creio que um tio do Prudente era casado com uma Zanota. O chocolate e o guaraná pertenciam a esta família e assim se teria arranjado o anúncio. Mas não estou certo disso e quem poderia esclarecer é o próprio Prudente.

P. — Esses anúncios ajudavam a revista financeiramente?

S.B.H. — Não me lembro quanto era, mas não dava para muito não. Quem pagava a revista era o Prudente, eu apenas figurava dentro dela.

P. — E o anúncio de livros de escritores do Movimento?

S.B.H. — Esses eram de graça.

P. — A revista terminou por motivos financeiros ou pela cisão entre os colaboradores?

S.B.H. — Cada número custava um conto e quinhentos; não era pouco naquele tempo.

P. — Quais eram exatamente os objetivos da revista?

S.B.H. — A *Klaxon* tinha sido uma revista que rompia com uma porção de coisas. Precisava-se fazer uma revista que passasse a construir alguma coisa a partir daquela ruptura, com a mesma gente e gente que foi aparecendo depois, porque muitos não estavam na Semana de Arte Moderna. Antoninho de Alcântara Machado aparece depois. Ele foi descoberto do Oswald. Fazia crítica de teatro em um jornal daqui, o *Jornal do Comércio*, edição de São Paulo. Ficou ligado ao Oswald até brigarem. Cassiano Ricardo também entrou depois. No começo, era contra. Em um artigo houve quem o chamasse de Cassiano Riscado.

P. — Por que o aspecto externo da revista era convencional mesmo para a época?

S.B.H. — Tenho a impressão de que se seguiu até certo ponto o modelo de uma revista inglesa de T. S. Eliot e outros, chamada *Criterion*, que, aliás, deu uma notícia de *Estética* feita por F. S. Flint. Nós assinávamos a revista. Queríamos fazer alguma coisa como *Criterion*, para não dizerem que éramos de todo malucos e que pudesse ter acesso aos incautos que implicavam com *Klaxon*. Mas a posição era a mesma. A capa só tinha aquele algarismo grande, que, se não me engano, foi inspirado por uma revista do Le Corbusier.

P. — Qual a tiragem da revista?

S.B.H. — Tenho a impressão de que devia ser de uns quinhentos exemplares, pois de outra forma sairia muito caro.

P. — Os periódicos do Rio e de São Paulo publicaram artigos contra *Estética*?

S.B.H. — Talvez o Prudente se lembre disso. Um dia, Prudente passou num sebo e encontrou um número de *Estética*, onde alguém escreveu verdadeiras diatribes contra os organizadores e colaboradores.

P. — Receberam algum apoio da imprensa?

S.B.H. — A revista não teve grande repercussão. Também não me lembro.

P. — Os colaboradores faziam reuniões para a elaboração da revista?

S.B.H. — Não, mesmo porque tenho a impressão de que uma parte dos colaboradores estava em São Paulo, como o Couto de Barros. Ele era um sujeito sério que escrevia contos engraçados, como aquele da mulher que virou infinita, da *Klaxon*. Tem outro conto, mas não sei onde saiu. Talvez na *Revista do Brasil*, na segunda fase, que foi feita pelo Rodrigo, pelo Prudente e em que colaborei. Nela saiu um artigo sobre os “novos do Piauí” escrito pelo Gilberto, mas assinado J. J. Gomes Sampaio. Entre outros “novos” piauienses inventados lembro-me de um que se chamava Esmeraldino Olímpio. Esses e outros serviram depois de pseudônimos em artigos onde nós mesmos nos criticávamos e enaltecíamos, por exemplo, o Oswaldo Orico. O Gilberto mandou imprimir um cartão de J. J. Gomes Sampaio, com a indicação: literato. Pensamos então em um piauiense ilustre, e com ele foi posto o nome da rua: Marquês de Paranaguá, número 14. Não podia ser muito alto, ninguém sabia se a rua, caso existisse, era grande. É capaz de agora estar surgindo essa gente por lá. Antônio de Alcântara Machado fez um artigo, se não me engano com o nome de Esmeraldino Olímpio. Gilberto Freyre estava no Rio e se deixou apresentar como sendo J. J. Gomes Sampaio a um crítico do Simbolismo, que o cumprimentou e o chamou de mestre. Creio que o homem desconfiou do negócio. A revista foi iniciativa de Assis Chateaubriand, que lhe deu, como diretores, Capistrano de Abreu, Calógeras, Alberto Faria, o rico, e acho que Afrânio Peixoto<sup>25</sup>. O secretário era Rodrigo M. F. de Andrade que convocou gente nova, sobretudo o Pru-

---

<sup>25</sup> Na realidade Capistrano de Abreu e Alberto Faria não fizeram parte da direção da revista, mas sim Plínio Barreto e Alfredo Pujol.

dente, para ajudá-lo. Saía, por exemplo certo artigo de um ultra-conservador e logo depois outro em sentido oposto escrito pelo Oswald. Não havia meio termo. Alguém redigiu uma série de artigos que não acabavam mais com o título: "Da mentalidade própria para a guerra". Logo apareceu outro: "Da mentalidade própria para o soneto".

P. — De que maneira o Sr. tomou conhecimento da obra de James Joyce, uma vez que o primeiro número de *Estética* anuncia seu trabalho sobre esse autor?

S.B.H. — Quando anunciaram o meu artigo sobre o *Ulisses* de Joyce, eu nem tinha lido ainda, mas o Paulo Prado trouxe-o da Europa, da Shakespeare & Cia, de capa azul com letreiros brancos e que deve estar aqui, na Biblioteca Municipal. Ele emprestou-me o livro, um calhamaço de 756 páginas que li sem entender grande parte, mas que reli. O anúncio provocou um artigo de Gilberto Freyre, onde zombava dos críticos à sombra das bananeiras cariocas que escreviam sobre o irlandês. Eu devia ser um desses críticos.

P. — Quem é Andrade e Almeida, autor do poema "Manhã", que apareceu no último número de *Estética*?

S.B.H. — É Antonio Joaquim, irmão de Guilherme de Almeida; vive em Belo Horizonte e é diretor do Museu do Ouro. Casou-se com Lúcia Machado de Almeida, que é irmã do Aníbal e autora de livros para crianças.

P. — Por que não saíram colaborações anunciadas duas vezes, como as de Tristão de Athayde, Rubens de Moraes, Ribeiro Couto, Luís Aranha, Carlos Alberto de Araújo?

S.B.H. — Estávamos programando um quarto número e arrebetou no terceiro. O quarto número era todo paulista. Fora de São Paulo havia o Manuel Bandeira, que deu-me um poema para publicar, acho que é o "Mangue". Passei-o à máquina, mas, como não saiu, guardei o original. Se não me engano, dei-o ao Antonio Cândido.

P. — Receberam outros originais para esse número?

S.B.H. — Disso não me lembro. Talvez.

P. — O Sr. guardou algum outro original de colaboração de *Estética*?

S.B.H. — Não tenho nada. Nós fizemos também um manifesto mas que se perdeu, ou melhor, que eu perdi.

P. — Em que data?

S.B.H. — Não sei. Antes havia surgido a fórmula: “é preciso des-coelhonetizar a literatura brasileira” e no manifesto aderimos, para variar, ao próprio Coelho Neto. Fui levá-lo à sede do Jôquei, para alguém assinar e, quando cheguei à porta, faltava a primeira folha, que provavelmente perdi no bonde.

P. — Quais outros periódicos publicaram trabalhos seus de crítica literária?

S.B.H. — Além de *Klaxon*, *Estética e Revista do Brasil* (2.<sup>a</sup> fase), alguma coisa em *Terra Roxa* e *Antropofagia*. Antes, havia publicado no *Fon-Fon* um artigo chamado “Os futuristas de São Paulo”, quando ainda não se falava na Semana de Arte Moderna. Minha fase modernista creio que começou com esse artigo. O Movimento ainda era mal conhecido no Rio. Mário e Oswald leram seus livros e Ronald começou a escrever os *Epigramas sentimentais*. Depois fez *Toda a América*.

Escrevi muito n’*O Jornal* do Rio, mandei uns artigos da Alemanha, onde publiquei artigos sobre o Movimento Modernista. Fazia também tradução dos filmes da U.F.A. Em 31, com a revolução, tudo acabou e conseguí voltar.

N’*O Estado de São Paulo* escrevi algum tempo, em 45, 46, 47. Depois passei a fazer parte do *Diário de Notícias*, do Rio, como crítico, talvez em 44, 45 e aqui a mesma crítica saía na *Folha*. Em seguida passei ao *Diário Carioca* e continuei na *Folha*. N’*O Estado* não fiz crítica literária, mas publiquei artigos sobre vários assuntos. Ocasionalmente podia tratar de algum livro. Crítica mesmo foi aqui na *Folha* e no *Diário de Notícias*, onde trabalhei com intervalos. Comecei eu, depois o Mário, eu novamente, depois o Sérgio Milliet e voltei eu. Parei de fazer artigos para a *Folha* porque fui para a Itália em fins de 52. A partir de então nunca mais escrevi crítica. O Prudente chamou-me para o *Diário Carioca*, que dirigia na época de José Eduardo de Macedo Soares. A crítica saía também em vários outros lugares, em cadeia. Dava sempre um dinheirinho.

P. — É verdade que o Sr. inventou títulos de obras?

S.B.H. — Sim, eram muitos: *O automóvel adormecido no bosque*, *Y, o magnífico*, *História de um homem muito elástico*, *Rui Barbosa nunca existiu*, *Jesus Cristo em ceroulas*. Eram tantos que eu até pensei em escrever outro com o nome de *Títulos ao portador*.

P. — Que revistas o Sr. lia na época?

S.B.H. — *Nouvelle Revue Française*, *Criterion*, algumas revistas alemãs, a *Revista do Ocidente*, espanhola. Eram essas principal-

mente. Fiz mesmo para *Estética* um resumo da polêmica do Middleton Murry com o T. S. Eliot, saída em *Criterion*.

P. — Quem fez o resumo do artigo de Ortega y Gasset no primeiro número de *Estética*?

S.B.H. — Não sei, talvez o Américo Facó.

P. — E um comentário sobre um artigo de *La Prensa*, que trata da música espanhola?

S.B.H. — Talvez o Mário, mesmo porque em música nenhum dos outros era especialista. Salvo o Manuel Bandeira. Mas não tenho certeza de quem fosse o autor do comentário.

P. — Por que essa seção de comentários só apareceu no número de estréia?

S.B.H. — Porque o pessoal ficou cansado de fazer e, como aumentaram as colaborações, ia ficar muito caro e havia um limite de páginas. Tenho a impressão de que a razão foi essa.

P. — Que outros autores estrangeiros eram lidos?

S.B.H. — Franceses: Apollinaire, Max Jacob, Blaise Cendrars, André Salmon, que eram os autores daquele tempo, e outros mais antigos: Gide, Claudel e mesmo Valéry.

P. — E os de língua inglesa?

S.B.H. — Eliot, Pound, e autores em prosa: K. Mansfield, D. H. Lawrence, Joyce.

P. — O que, na época, significava a palavra crônica, que compunha o título de uma das seções de *Estética*?

S.B.H. — Esse nome de crônica fixou-se mais tarde; era um nome vago, podia-se aplicar a qualquer coisa. Ali a palavra crônica indicava o que vem do tempo, comentários sobre fatos, figuras. As notas são resenhas de livros.

P. — O Sr. tem números de *Estética* com anotações?

S.B.H. — Não. Não tenho. Tenho encadernadas a *Estética* e a *Klaxon*, a primeira edição, porque agora saiu outra em fac-símile.

P. — É possível saber se *Estética* chegou a pessoas não interessadas em literatura modernista?

S.B.H. — Não me lembro, já que faz tanto tempo. Prudente foi a Minas com o Afonso Arinos fazer a propaganda da revista. Depois fui eu também, não sei se sozinho, ou com o Prudente. Estivemos lá com o grupo mineiro, que era naquele tempo: Carlos Drummond,

Pedro Nava, Martins de Almeida, João Alphonsus. O Aníbal Machado é mineiro, mas estava no Rio.

P. — A designação “neto” fazia parte do nome de Prudente de Moraes?

S.B.H. — O Prudente resolveu pôr vírgula e escrever “neto” com minúscula para evitar confusões com um primo homônimo. Passou a assinar depois Pedro Dantas. Um dia descobriu na *Genealogia Paulista* do Silva Leme um antepassado seu chamado Pedro de Moraes D'Antas. Mas o pseudônimo surgiu por acaso e independente dessa descoberta que veio mais tarde.

P. — Pode comentar o artigo de *Estética*, chamado “Perspectivas”?

S.B.H. — É uma coisa meio surrealista. Tive uma discussão muito grande com o Prudente sobre a primeira frase, que é um pouco confusa mesmo. Começamos a escrever cartas surrealistas, conforme a receita de André Breton.

P. — O artigo também surgiu por influência do Breton?

S.B.H. — Creio que um pouco. Independentemente do manifesto, havia um clima meio surrealista. O Graça e o Ronald eram contra. Para o Ronald que era um espírito clássico, o Surrealismo era o fim, era uma forma de Romantismo exagerado. O Tristão de Athayde escreveu fazendo reservas ao meu artigo, quando ainda não se “convertera”.

P. — O Sr. acha que se pode dizer que *Estética* é continuação de *Klaxon*?

S.B.H. — Não sei, porque a *Klaxon* nasceu como revista de combate. A outra foi tentativa de retomar os motivos a partir da crítica. Não sabíamos bem o que queríamos construir. Mandávamos a revista para toda parte. Em Berlim, fui apresentado ao Herwarth Walden, diretor do *Sturm*, de um grupo expressionista muito avançado. Quando ouviu o meu nome, mostrou-me imediatamente os números de *Estética*. No começo eu falava alemão meio atrapalhado, aprendido no Ginásio de São Bento e com professor particular. Depois acabei falando, bem não digo, mas falando e, às vezes, escrevendo. Ou rabiscando.

P. — Como o Sr. via o grupo do Verdeamarelismo?

S.B.H. — O grupo do Verdeamarelismo é outra coisa. O Menotti começou com o Futurismo Italiano e o Oswald ligou-se a ele no começo. Depois juntaram-se o Cândido Mota Filho, o Plínio Salgado. O Prudente escreveu um artigo sobre *O estrangeiro*, dizendo

que era imitação do Oswald de Andrade e o Plínio ficou uma fúria e escreveu um artigo: "O homem que plagiou o nome do avô". Eu mesmo cheguei a escrever que o Plínio imitava o estilo do Oswald, mas não sem antes extrair as partes pudendas. Houve um grupo que inicialmente combatia o Modernismo e depois passou a dizer-se modernista da ala espiritualista. Alceu Amoroso Lima aceitou essa explicação. Nestor Vitor, que pertencia a essa ala, dividia todo mundo em bilaquianos e cruzistas. Achava que o pessoal da *Klaxon* era bilaquiano, porque não seguia a linha do Cruz e Souza. Creio que até o Tristão de Athayde passou certa vez por bilaquiano.

P. — O Sr. poderia acrescentar alguma coisa sobre Graça Aranha e sua atuação no Movimento?

S.B.H. — Graça era ótima criatura, mas tinha uma valdade à flor da pele. O artigo "Mocidade e estética" ele publicou em *Espírito moderno*. "Mocidade" eram os diretores de *Estética*, "os meninos do Sr. Graça Aranha", de que falavam os jornais. Depois do artigo sobre o Ronald, ele queria apaziguar tudo, mas não havia mais jeito. Na *Klaxon*, no número em sua homenagem, eu devia fazer "Graça Aranha sociólogo". Explicava-me ele que havia duas leis, a lei da constância vital e a lei da recapitulação histórica, segundo a qual os países colonizados recapitulam os outros.

Quando ele fez aquela conferência na Academia, saiu carregado pelo pessoal moderno. Aqueles que o carregaram de fato foram o Tristão de Athayde, o Grieco e o Prudente. Depois o grupo contrário resolveu carregar Coelho Neto. Quando chegou no meio, pararam os dois e se abraçaram efusivamente. Graça Aranha fez aquele discurso numa tentativa de se impor aos novos, mas a tentativa não teve resultado maior. Foi gente até de São Paulo para assistir à sessão, que foi muito anunciada.

P. — As discussões provocadas pelo artigo sobre o Ronald continuaram depois de *Estética*?

S.B.H. — Sim. O artigo que escrevi para a *Revista do Brasil*, "O lado oposto e os outros lados" pretendia marcar bem a situação, mas foi pior. Nisso embarquei para a Alemanha e por lá fiquei até 1931.

P. — Como eram as relações entre Alberto de Oliveira e os modernistas?

S.B.H. — Encontrávamos sempre o Alberto de Oliveira no Garnier. Um dia, por volta de 24, ele deu uma entrevista aderindo ao Modernismo, a um jornal chamado *A Vanguarda*, no Rio. Era um

jornal meio pra frente na época, com o título em vermelho. Resolvemos transcrever a entrevista na *Estética*, mas ele, consultado, alegou que precisava corrigir alguns erros. O resultado foi que tirou todo o sal. O Mário, então, escreveu a "Carta aberta ao Alberto de Oliveira".

P. — Qual foi a sua participação na escolha da capa de *Klaxon*?

S.B.H. — No Rio havia aquela livraria que ficou sendo Freitas Bastos, mas primeiro era Leite Ribeiro. Embaixo havia livros que ninguém comprava, comecei a descobri-los e a comprar uma porção deles. O pessoal aqui conhecia os autores, como Max Jacob. Um dia, comprei *La fin du monde racontée par l'ange de Notre Dame* de Blaise Cendrars. Levei-o para o escritório que ficava na rua 15 de novembro, onde estavam o Guilherme e o Couto de Barros. Disse, então, o Guilherme: "Uma idéia para *Klaxon*!", como a Aracy Amaral contou. Depois o Guilherme apresentou explicação diferente, mas foi isso.

#### *Entrevista com Prudente de Moraes, neto*

Pergunta — Que concepção de nacionalismo orientava a revista?  
Prudente de Moraes, neto — Não havia nada preparado no sentido de nacionalismo. Havia convicção de afirmação nacional, não nacionalista, de pensamento e cultura, desejo de divulgar o que se fizesse nesse sentido. Era preciso chegar à afirmação da independência nacional, da literatura independente da cultura francesa e da língua portuguesa. Para isso tínhamos que estar informados do desenvolvimento do pensamento europeu, que nos influenciava muito. A afirmação da nossa cultura autêntica e autônoma foi realizada depois no movimento *Pau-Brasil*.

P. — O aspecto convencional das capas e da apresentação interna da revista foi intencionalmente escolhido?

P.M.n. — Correto. A capa foi sugestão de Sérgio Buarque de Holanda. Se fosse possível, seria igual à da *Criterion*. Não havia, entretanto, recursos técnicos e econômicos para custear e fazer a revista como queríamos. *Criterion* era simples e graficamente bonita: letras vermelhas e capa creme, quase branca. Os tipos eram menores que os da *Estética*. À falta de outros fixamo-nos nos tipos maiores, grandes demais se comparados com os usuais. O tipo que marca o volume não havia na *Criterion*. Essa solução ou foi idéia nossa, ou foi tirada de outra publicação. Talvez tenha sido influên-